

Encontro Internacional de atividade Física, Nutrição e Longevidade

Paulo R. Panisi

O avanço da medicina e de áreas correlatas à saúde permitiram, além da diminuição da taxa de mortalidade, o aumento da expectativa de vida do ser humano. O limite biológico, antes delimitado por aspectos ambientais foi galgado pela ciência e permitiu a obtenção de um novo patamar na longevidade e sobrevidade das pessoas.

No entanto, uma preocupação emerge junto a esse incremento de idade, pois viver mais não necessariamente significa viver melhor. Não é incomum ver idosos na dependência física de parentes, amigos e até mesmo especialistas em suas atividades da vida diária. E por conta disso cada vez mais pesquisas estão sendo realizadas com intuito de permitir uma vida melhor a essa população.

Pensando em unir os conhecimentos científicos ao preceitos pragmáticos dos profissionais ligados a saúde dos idosos, o Grupo Pão de Açúcar e seu idealizador Abílio Diniz, em conjunto com

a Escola de Educação Física e Esporte da USP, realizou no dia 11 de Agosto, o evento "Encontro Internacional de Atividade Física, Nutrição e Longevidade" para discussão de fatores como a prática de atividade física, dieta e hábitos saudáveis, que con-

livre docente da USP e coordenador do Laboratório de Biomecânica; Dra. Suely dos Santos, professora da USP com ênfase no processo de envelhecimento; Dr. Valmor Tricoli, professor livre docente da USP com ênfase em Treinamento Esportivo e Iri-

pela palestrante Suely dos Santos, que abordou o tema envelhecimento, contextualizando o idoso no Brasil e a respectiva prática de atividade física em programas especializados. Mostrou que a diferença biológica entre os indivíduos de mesma idade, gênero, cultura, além de pequena quantidade de serviços e oportunidades para a prática de atividade física são aspectos importantes a serem considerados.

Julio Serrão explicou sobre os riscos, benefícios e cuidados na elaboração de um programa de treinamento para essa população. Tendo citado a relevância da carga (intensidade) e o quanto isso significa em termos biomecânicos ao aparelho locomotor do idoso em comparação com um adulto jovem, e também em relação ao obeso e deixou claro



tribuem para a longevidade e qualidade de vida.

Para isso foram convidados: Dra. Wendy Kohrt, professora titular da cadeira de Geriatria da Universidade de Denver (EUA); Dr. Jacques Poortmans, professor emérito de Bioquímica do Exercício da Universidade Livre de Bruxelas; Dr. Antonio Herbert Lancha Júnior, professor titular da Universidade de São Paulo e coordenador do Laboratório de Nutrição e Metabolismo Aplicados à Atividade Motora; Dra. Cláudia Forjaz, professora livre docente da Universidade de São Paulo (USP) e coordenadora do Laboratório de Hemodinâmica da Atividade Motora (LAHAM-EEFEUSP); Dr. Júlio Serrão, professor

neu Loturco, consultor técnico esportivo do Grupo Pão de Açúcar.

A palestrante Wendy, enfatizou o valor que a alimentação possui no processo de envelhecimento. Também citou pesquisas que dizem que o exercício não aumenta a longevidade tanto quanto a restrição alimentar. Além do mais, mostrou a importância de atividades esportivas que estimulam não apenas o desenvolvimento ou manutenção do sistema músculo-esquelético, mas traz melhorias no padrão de locomoção e na prevenção de acidentes como quedas, mas também atividades que ofereçam estímulos para o aprimoramento mental. Fato este também mencionado

que o maior desafio do profissional da atividade física é proporcionar um exercício cuja carga seja adequada para a estrutura biológica desse indivíduo, minimizando os riscos e maximizando os benefícios. As atividades mais comumente prescritas a essa população (caminhada, corrida e musculação), quando bem controladas são atividades seguras e benéficas a essa população.

O encontro terminou gerando perguntas, tanto da platéia quanto dos próprios palestrantes, sobre os assuntos discutidos durante o evento, o que oportunizou o esclarecimentos e aprofundamentos dos temas abordados.

NESTA EDIÇÃO:

Entrevista: grandes nomes do mercado do Fitness	2
Programa SIGA	3
EPETUSP 2009	3
PET-ENSINA: Saiba o que aconteceu na última palestra organizada pelo PET-EEFEUSP	4
Ensaio: inclusão em EF escolar	5
Formação acadêmica nas	6
Tirinha	6

Palavras de quem fez dar certo: uma entrevista com dois grandes nomes do mercado do fitness

Atualmente, as possibilidades de atuação dentro do mercado de trabalho referente à Educação Física e ao Esporte tornaram-se cada vez mais amplas, ramificando-se em várias áreas de intervenção. Dentre elas, enfatizaremos o fitness, que tem seu mercado cada vez mais expandido aqui no Brasil.

Pensando nisso, o grupo PET-EEFEUSP entrevistou João Paulo Diniz e Luiz Urquiza, dois grandes investidores do Grupo A! Body Tech, antiga Fórmula Academia, procurando saber quais as tendências e demandas desse mercado específico para aqueles que desejam inserir-se nesse universo, seja como empregados ou investidores.

Ambos os entrevistados têm uma relação estreita com a atividade física, o que os motivou a extrapolar as barreiras de apenas praticantes para investidores e disseminadores da atividade física. Segundo João Paulo “Ultimamente tenho procurado direcionar os meus investimentos para negócios que tenham muito a ver com meu estilo de vida e que através dele eu possa ajudar a fazer a diferença no negócio, colaborando para o seu sucesso. A atividade física está presente em muitas áreas da minha vida, por isso tem uma importância tão grande para mim. Está relacionada a tudo o que eu mais gosto de fazer. Além disso, é muito importante para a minha saúde e me deixa em forma para desfrutar tudo de mais importante que a vida oferece”.

Ao contrário de João Paulo, Urquiza não iniciou a prática de maneira profilática, o que não quis dizer que tivesse uma

relação ruim com a atividade física: “Decidi investir e entrar neste ramo pelas perspectivas de longo prazo do setor. As pessoas, famílias e empresas de forma geral têm ampla consciência de que uma atitude preventiva em relação aos hábitos de vida e alimentares é a melhor forma de prevenir e garantir uma boa saúde. Após realizar um check-up de rotina em 1996 foi identificado que a minha saúde estava em risco pelos diversos fatores encontrados (estresse, peso acima do recomendado, massa corporal, colesterol, vida sedentária, etc.) e, após isso decidi mudar os hábitos de vida e, dentre eles, praticar atividade física regular em academias e corrida. Até hoje mantenho estas atividades. O valor que atribuo é que a atividade física regular me garante saúde e bem-estar.”

Quando questionados sobre a importância do profissional e da formação acadêmica em Educação Física e Esporte, João Paulo relatou a grande importância que têm na prática e disseminação da atividade física “Com certeza acredito na importância da formação profissional em Educação Física. Este profissional tem que, antes de tudo, amar o que faz. Além disso, é importante estudar sempre, continuamente, porque a atividade física é uma profissão muito dinâmica que evolui dia a dia. A função de todo professor é ser um exemplo, e o professor de educação física tem uma tarefa ainda mais complexa, pois não bastasse ser um exemplo de conduta, tem também que ser

um exemplo de preocupação com o corpo e com a saúde. Acredito que um bom professor de educação física tem que observar sempre seu comportamento e suas atitudes no que diz respeito ao cuidado com seu corpo na mesma medida em que se preocupa com a atualização constante de seus conhecimentos técnicos”.

“O Educador Físico deve ter as seguintes competências básicas: técnica, relacionamento interpessoal, motivacional (dinamismo e pró atividade), iniciativa e trabalho em equipe” L. U.

Luiz Urquiza também ressaltou a boa formação de um profissional de atividade física “Acredito que a atuação em qualquer setor requer a adequada formação acadêmica. Esta formação é essencial para que a Empresa

possa prestar um serviço de valor agregado aos clientes. O Educador Físico deve ter as seguintes competências básicas: técnica, relacionamento interpessoal, motivacional (dinamismo e pró atividade), iniciativa e trabalho em equipe. A mensagem que passo aos profissionais em suas respectivas áreas é que devam, sempre, atuar dentro dos padrões éticos e profissionais. Estes são os pilares para o desenvolvimento profissional de longo prazo. O legado que cada profissional constrói é a soma de suas atitudes no dia-a-dia. Entendo que o bem-estar e a saúde de nossos clientes estão acima de qualquer interesse empresarial ou profissional”.

Esperamos tê-los ajudado quanto ao que esperar ao trabalhar ou investir no ramo do fitness. A escolha destes profissionais deu-se pelo que ambos representam neste tipo de mercado, sendo dois grandes nomes que poderiam, ao nosso ver, passar uma boa mensagem aos graduandos de Educação Física e Esporte.

Até a próxima!

“O professor de educação física tem uma tarefa ainda mais complexa, pois não bastasse ser um exemplo de conduta, tem também que ser um exemplo de preocupação com o corpo e com a saúde” J. P.



Alexandre K. Sasaki

PROGRAMA SIGA

Criado pela Pró-Reitoria de graduação, o SIGA, Sistema Integrado de Indicadores da Graduação, dá continuidade a um programa piloto de avaliação dos cursos da graduação da USP inicialmente realizado em 18 cursos de 13 unidades. O SIGA foi criado como uma forma de facilitar o acesso da comunidade USP a informações atualizadas sobre cursos e permitir reflexões sobre estratégias didáticas e procedimentos de avaliação para melhorar a qualidade do ensino. O SIGA integra Processo de Avaliação de Cursos, aprovado pelo Conselho de Graduação da Universidade (CoG) em agosto de 2008, o qual procura compreender também a definição, pelas Unidades de Plano Trienal de Metas e Acompanhamento dos Projetos Políticos Pedagógicos.

O Portal SIGA convia alunos, professores e gestores de cursos para participarem da avaliação até o dia 8 de setembro; docentes no site da pró-reitoria de graduação

(www.usp.br/prg) e alunos pelo site JúpiterWeb (sistemas2.usp.br/jupiterweb), deixando suas considerações sobre os cursos.

Os resultados e outros dados da Graduação produzidos pela Pró-G estarão disponíveis no Portal SIGA, parcialmente, a partir do dia 24 de agosto, e, na sua íntegra, a partir de 10 de setembro. O portal estará disponível para a participação de Ex-Alunos a partir de 05 de outubro, que além de percepções sobre a sua formação, poderão informar a atuação profissional a partir da conclusão de curso.

O professor Manoel Rodrigues Alves, coordenador da Câmara de Avaliação da Pró-Reitoria de Graduação, explicou que o programa não se propõe a substituir processos de avaliações de disciplinas atualmente em curso em algumas Unidades, mas sim complementá-los com a produção de informações e dados sobre os Cursos e o ambiente de ensino de graduação

nas Unidades. Outro ponto esclarecido foi o da elaboração do sistema, o qual prosseguirá em contínua revisão e melhoria, com a participação discente através de seus representantes na graduação e/ou sugestões que sejam encaminhadas à Câmara de Avaliação pelos alunos.

No sistema, cabe aos docentes avaliar aspectos do curso e de suas disciplinas, respondendo a perguntas sobre conteúdos didáticos e mecanismos de interação, processos pedagógicos e avaliativos, infraestrutura e condições de ofertas de disciplinas, entre outros. Os alunos também se manifestam sobre as condições de infraestrutura, formas de avaliação e relevância dos conteúdos abordados, além de outros itens.

O SIGA fornece um conjunto de dados que permite uma melhor compreensão das dinâmicas da graduação e subsídios às políticas da Pró-Reitoria de Graduação, das Comissões de Graduação

e das Coordenações de Curso. Por outro lado, em princípio, compete às Unidades como trabalhar com esse conjunto de informações para a melhoria continuada dos cursos.

Segundo prof. Rodrigues Alves a avaliação deve ser entendida como um processo formativo e instrumento de gestão para cada um dos cursos, para cada uma das unidades da USP e para a Pró-G como parte integrante das ações. Nesse sentido, pretende-se envolver alunos, docentes, gestores e egressos em todas as etapas e procedimentos da avaliação realizada no SIGA, de modo transparente e tendo como premissa a necessidade do reconhecimento da diversidade e das especificidades dos cursos em cada uma das unidades da Universidade.

A contribuição de todos para o desenvolvimento e consolidação do processo de avaliação de cursos de graduação da USP é fundamental.

EPETUSP 2009

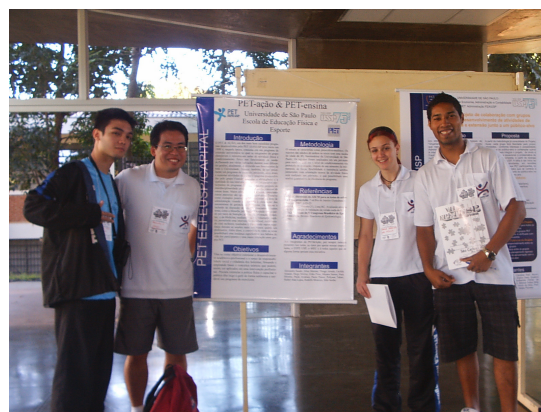
Paula Avakian

No último fim de semana de agosto, o grupo PET-EFEUSP participou do EPETUSP— Encontro dos grupos PETs da USP, realizado na USP de São Carlos. O evento contou com a participação de grupos da Administração, Química, Enfermagem, Odontologia, Computação, Engenharia Mecânica, Mecatrônica, Computação, Zootecnia, entre outros, com a presença de alunos e tutores não só da Cidade Universitária em São Paulo, como também de

São Carlos, Piracicaba, Pirassununga e Ribeirão Preto.

Os representantes do PET Educação Física prepararam um pôster para apresentar no evento, tratando de dois de nossos maiores projetos: O PET & AÇÃO e o PET-ENSINA. Além disso, o petiano Thiago Arruda expôs oralmente os mesmos trabalhos.

A experiência trouxe ao grupo muitos contatos e novas possibilidades de parcerias de trabalhos. O espaço foi proveitoso para conhecermos outros grupos PET, fazer integrações e discutir o projeto de políticas e diretrizes pedagógicas do Programa de Educação Tutorial.



Os petianos Diego Morine, Alexandre Sasaki, Paula Avakian e Thiago Arruda ao lado do pôster.

Inibição Muscular e Osteoartrite - respeito aos mais velhos. PET-ENSINA traz nova palestra à escola

Rafael Alan Lopes

Neste último dia 28, às 10h da manhã, no auditório da EEFE, o projeto PET-Ensina do grupo PET-EEFEUSP trouxe até a Escola o professor Antônio Marco Aurélio Vaz, vice-presidente da Sociedade Brasileira de Biomecânica e coordenador do Setor de Plasticidade Neuromuscular do Laboratório de Pesquisa do Exercício da Escola de Educação Física da UFRGS. Com o título: *Mecânica Muscular - Aspectos relacionados ao destreinamento e envelhecimento*, a palestra atraiu um público crescente durante sua realização, chegando a mais de noventa expectadores ao seu final, o que demonstra assim sua qualidade e interesse por parte do público.

Como primeira parte da palestra, o Professor Vaz nos trouxe os resultados de uma pesquisa realizada com base num modelo de tratamento em coelhos, com duração de seis meses, que tinha como objetivo verificar a inibição (incapacidade de todas as fibras musculares se contraírem numa contração voluntária máxima) do

músculo quadríceps destes animais, a partir da ação da toxina BTX-A, popularmente conhecida como “Botox”. Por meio desta inibição, pretendia-se responder a pergunta: O que vem primeiro: a inibição muscular ou a osteoartrite?

A linha de pensamento que se seguiu entre a inibição muscular e a toxina em questão consistia no fato de que a BTX-A, por meio de um processo de denervação quimicamente induzida, geraria um impedimento da chegada dos estímulos para ativação das células musculares. Sendo assim, ao introduzir-se tal toxina no quadríceps dos animais, seria esperado que ocorressem alterações estruturais e funcionais causadas pela inibição, e partir de então, o desenvolvimento de osteoartrite.

Os resultados obtidos comprovaram que de fato o Botox leva a denervação química neste caso em específico. Os coelhos apresentaram uma perda de aproximadamente 70% da força muscular no quadríceps que recebeu a toxina, quando em comparação com o mesmo

músculo oposto que recebeu apenas uma solução salina. Também houve perda de massa muscular dos músculos componentes do quadríceps de acordo com os diferentes tipos de fibras. Sendo que, um músculo que recebe a toxina, além de apresentar denervação, perde células musculares e os espaços deixados por estas são novamente preenchidos, porém agora por tecido adiposo, ocorrendo conseqüentemente a perda da funcionalidade de tais células. Dentro destas condições, os membros afetados dos animais passaram a desenvolver uma série de degenerações no tecido cartilaginoso em função da incapacidade do músculo para controlar eficientemente as sobrecargas exercidas na articulação, tais degenerações passaram então a responder a questão inicial: a osteoartrite é subseqüente à inibição muscular.

A partir deste ponto, o Professor Vaz começou a evidenciar os propósitos seguintes com este estudo: diagnosticar e tratar a inibição muscular dos extensores do joelho em idosos. Sabemos que com o envelhecimento vem uma série de modificações que por vezes alteram negativamente o funcionamento dos nossos sistemas orgânicos, algumas delas são: a morte de motoneurônios, o aumento no número de fibras por unidade motora e conseqüente perda do controle de movimentos finos. Também pode ocorrer atrofia, hipotrofia, perda de força, equilíbrio, entre outras coisas, o que gera menor capacidade dos sistemas de absorção de impacto realizar plenamente sua função, elevando o estresse articular, que causa degeneração, dor,

aumento no número de quedas, lesões e, em casos mais graves, pode levar à morte.

Do que estamos falando então? Osteoartrite. Doença degenerativa que gera um alto custo à sociedade, tanto em termos psicológicos para aqueles que padecem dela, como também custos financeiros para o seu tratamento. O sintoma inicial mais comum da osteoartrite é a fraqueza muscular, não sendo os quadros de dor a manifestação mais rotineira, como poderia se pensar. Desta forma, mostraria-se totalmente relevante um tratamento que age sobre o processo de envelhecimento, em paralelo aos treinamentos de força e manutenção da função muscular, que fosse capaz de manter ainda em atividade aquelas células “abandonadas” por seus motoneurônios, não ocorrendo assim reposição por tecido adiposo e perda de funcionalidade.

Finalmente, a pesquisa do Professor Vaz desenvolveu um estimulador portátil, de fácil acesso aos idosos, que emite uma corrente elétrica (escolhida entre outras previamente analisadas e testadas em humanos) capaz de aumentar o comprimento de fascículos musculares, gerar hipertrofia, diminuir a inibição, entre outros resultados positivos. Ou seja, a pesquisa mostrou-se capaz de produzir uma tecnologia competente no tratamento que visa à manutenção da força muscular em idosos, o que certamente é uma vitória contra a doença primeiramente discutida, a osteoartrite. Desta maneira, garante-se que há saídas encontradas pela ciência que permitem que os mais velhos vivam com qualidade e com mais recursos para enfrentar as consequências do tempo,



Grupo Pet ao lado do palestrante prof. Marco Aurélio Vaz e do tutor Julio Serrão

ENSAIO: PERSPECTIVAS DE INCLUSÃO NA ESCOLA E NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Mayara Alves dos Santos

Antes de qualquer coisa, é importante salientar que a educação inclusiva é uma questão de direitos humanos, já que defende que não se pode segregar nenhuma pessoa como consequência de sua deficiência, de sua dificuldade de aprendizagem, do seu gênero ou mesmo se esta pertencer a uma minoria étnica (seria algo que iria contra os direitos humanos).

Para entender melhor o que é a educação inclusiva, tomemos emprestada a conceituação de Beyer (2003), que a enxerga como um movimento que veio questionar, confrontar e reestruturar o modo de organização escolar que tem como característica básica a homogeneidade entre os alunos. Dessa forma, impõe a necessidade das escolas reverem sua organização, seus critérios de avaliação, seus programas e especialmente a formação dos profissionais que a conduzem. Esta proposta ganhou força, sobretudo com a difusão da Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), que entre outros pontos, propõe que "as crianças e jovens com necessidades educativas especiais devem ter acesso às escolas regulares, que a elas devem se adequar...".

A educação sempre caminhou de forma separada da educação especial. A visão de deficiência era vinculada à doença, transmitia a idéia de incapacidade de aprender com os demais alunos. Não foi diferente com a educação física geral e a educação física adaptada – que teve origem na década de 1950, momento em que a área transmitia uma forte concepção de corpo saudável, perfeito, produtivo, de rendimento e técnica, exatamente o oposto do portador de deficiência. Desta forma a educação física adaptada veio para cumprir esta lacuna existente na educação física geral, e foi impulsionada a caminhar de forma separada para atender a essa clientela.

Sabemos que a educação física pouco caminhou em direção ao princípio da inclusão. Encontramos poucos estudos voltados para as discussões que envolvem a temática da educação física inclusiva, principalmente como eixo na perspectiva escolar. O que foi diferente na integração, onde a educação física conseguiu enxergar a potencialidade, valorizar a diferença, superar a visão do corpo imperfeito, adaptando os esportes e as atividades físicas para que os portadores de necessidades especiais pudessem praticá-los.

A "integração" apesar de ser a precursora da atual "inclusão", é bem diferente desta, pois parte justamente do pressuposto de que devem existir dois sistemas de educação: o regular e o especial. Nesta perspectiva, os alunos com deficiência poderiam estudar em escolas regulares se fossem capazes de acompanhar seus colegas não-deficientes, caso contrário deveriam fazer parte do sistema de educação paralelo (especial), com adaptações para o seu nível de capacidade. Mas foi desta maneira que foram feitos primeiros esforços de integrar o deficiente à sociedade.

Considerando a perspectiva da inclusão, não se pode mais pensar em educação especial desvinculada da educação geral; o mesmo para educação física e educação física adaptada. Percebe-se o tamanho da dificuldade de se colocar em prática, ao observar a total incompatibilidade dos objetivos traçados para cada uma.

Embora a educação no nosso país tenha assumido a política inclusiva - haja vista o texto contido na LDB/96, determinando que a Educação Especial deva ser oferecida, preferencialmente, no ensino regular para atender as peculiaridades dos alunos que apresentem necessidades educacionais especiais (NEE). Estima-se que existam no país cerca de 6 milhões de crianças e jovens

com necessidades educacionais especiais para um contingente oficial de matrículas (desde escolas especiais até escolas e classes comuns) em torno de 500 mil alunos (Ministério da Educação -Brasil, 2003). Portanto, a grande maioria dos alunos com NEE encontra-se fora de qualquer tipo de escola, o que configura muito mais uma exclusão generalizada da escola.

As carências da educação especial brasileira, entretanto, não se limitam apenas à falta de acesso. Os poucos alunos que têm tido acesso a escola não necessariamente vem recebendo uma educação apropriada, pois a inclusão destes estudantes depende de inúmeros fatores, especialmente da capacidade de seus professores de promover sua aprendizagem e participação. E aí surge o questionamento: os professores estão preparados para assumir tal responsabilidade?

Sabemos que não. Inúmeras pesquisas já constatarem esse fato (OLIVETO; MANZINI, 1999; VITALIANO, 2002; SANTOS, 2002; BEYER, 2003; 2006; HUMMEL, 2007). O que tem acontecido nos cursos de formação docente, em termos gerais, é a ênfase dada aos aspectos teóricos, com currículos distanciados da prática pedagógica, não proporcionando, por conseguinte, a capacitação necessária aos profissionais para o trabalho com a diversidade dos alunos.

Diante deste quadro, compartilho dos questionamentos feitos por Costa e Sousa (2004): Será possível pensar na criação de um esporte no qual todos participassem juntos, deficientes ou não? Será possível uma educação física inclusiva? Este tem sido apontado como o grande desafio da educação/educação física neste séc. XXI. Segundo os autores, é preciso romper a atual organicidade escolar, buscar novos princípios filosóficos como diretriz para a educação/educação física, redimensionar o tempo e o espaço do trabalho escolar,

flexibilizar os conteúdos e ainda aprender a lidar com o uno e o universo simultaneamente.

REFERÊNCIAS:

- BEYER, H. O. *A educação inclusiva: incompletudes escolares e perspectivas de ação*. Cadernos de Educação Especial. Santa Maria, n. 22, 2003.
- COSTA, A.; SOUSA, S. *Educação física e esporte adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o séc. XXI*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 25, n. 3, p. 27-42, maio 2004
- HUMMEL, E. I. *A formação de professores para o uso da informática no processo de ensino e aprendizagem de alunos com necessidades educacionais especiais em classe comum*. 2007. 214f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.
- OLIVETO, J.; MANZINI, E. J. *Dificuldades de professores de pré-escola no trabalho de integração de alunos com deficiência*. In: MANZINI, E. J. (Org.) *Integração do aluno com deficiência: perspectiva e prática pedagógica*. Marília: Unesp Marília Publicações, 1999. p.27-56.
- SÁNCHEZ, P. *A educação inclusiva: um meio de construir escolas para todos no século XXI*. INCLUSÃO - Revista da Educação Especial - Out/2005
- SANTOS, J. B. A. *"dialética da inclusão/exclusão" na história da educação de 'alunos com deficiência'*. Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade. Salvador, v.1, n. 1, 2002.
- SASSAKI, R. *Inclusão: o paradigma do século 21*. INCLUSÃO - Revista da Educação Especial - Out/2005
- VITALIANO, C. R. *Concepções de professores universitários da área de educação e do ensino regular sobre o processo de integração de alunos especiais e a formação de professores*. 2002, 308f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2002.

AGRADECIMENTO: Prof. Dr. Luiz Eduardo Pinto Bastos Tourinho Dantas

FORMAÇÃO ACADÊMICA EM LUTAS/ ARTES MARCIAIS/ MODALIDADES DE COMBATE

Paula Avakian, Diego Morine e
Emerson Franchini

Nesta edição do PETELECO discutiremos um assunto bem polêmico na área da Educação Física e levantaremos uma problemática difícil de ser resolvida, referente à formação que deve ter um profissional das lutas/ artes marciais/ modalidades esportivas de combate (L/AM/MEC). É impossível pensar em uma resposta sem antes refletir outras questões e a fim de enriquecer nossa discussão, o grupo PET procurou para a elaboração deste texto o professor Dr. Emerson Franchini da Escola de Educação Física e Esporte da USP, onde coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas em Lutas, Artes Marciais e Modalidades de Combate.

Essas atividades estão presentes em diversos tipos de mídia e possuem relação com a atuação profissional em Educação Física em três segmentos: 1) nas escolas, como conteúdo nos Parâmetros Curriculares Nacionais; 2) nos programas de condicionamento, tais como os *body combat*, ou aulas de boxe mais voltadas para o *fitness* e 3) com foco no rendimento. No primeiro caso, um aspecto que parece ser recorrente é a utilização dessas atividades apenas por aqueles profissionais que as praticaram paralelamente à sua formação profissional e a insegurança por parte de diversos professores que não trabalham com elas em suas aulas por acreditarem haver necessidade de grande especialização, e até domínio da execução das habilidades motoras das L/AM/MEC, para que estas possam ser ensinadas

aos alunos. No segmento de academias de ginástica existe pouca informação disponível sobre o perfil dos profissionais que atuam com as L/AM/MEC, isto é, pouco se sabe sobre o tipo de formação - especialmente continuada - e o grau de especialização quanto a essas atividades. Finalmente, quando passamos a falar do rendimento esportivo, é importante analisar o impacto destas atividades no quadro de medalhas de competições multiesportivas. Por exemplo: as MEC representam cerca de 25 % do total de medalhas disputadas nos Jogos Olímpicos; número que aumentará com a aprovação recente da inclusão do boxe feminino em Londres 2012. Nesse segmento, é bastante comum a presença de ex-atletas, muitas vezes sem formação acadêmica específica, atuando nos principais cargos.

Por outro lado, existe pouca documentação quanto à presença ou sobre o modo como essas atividades são abordadas nos cursos de Educação Física e Esporte. Soma-se a isso, o fato de a maior parte dos docentes que atuam com essas disciplinas não terem se dedicado ao seu estudo durante sua preparação para atuação no ensino superior (mestrado e/ou doutorado), isto é, tem sido comum a presença de docentes dessas disciplinas que praticaram/ praticam alguma dessas atividades, mas não direcionaram sua atenção ao estudo e análise crítica dessas mesmas atividades, resultando assim em uma adaptação para seus alunos de graduação da-

quilo que vivenciaram em seus locais de prática. Outro aspecto que também merece destaque é a restrita quantidade de material publicado em periódicos nacionais que tenham abordado essa temática, especialmente de trabalhos com caráter aplicado ou de intervenção. Esses dois fatores (docentes não especializados e pequena quantidade de material publicado nos periódicos nacionais) limitam sobremaneira a formação de boa qualidade dos estudantes de graduação em Educação Física/Esporte.

Logo, nota-se atualmente um quadro delicado com equívocos de várias partes, onde de um lado há profissionais que possuem um grande conhecimento específico da área, mas sem contato nenhum com o meio acadêmico e, por consequência disso, muitas vezes são ministradas aulas com exercícios arcaicos e ineficientes, comprometendo desde a saúde até o rendimento do indivíduo. Por outro lado, temos profissionais de Educação Física que muitas vezes possuem diversos conhecimentos sobre o movimento humano de maneira geral, porém, não se aprofundaram na área das lutas. A combinação desses conhecimentos pode contribuir com uma ressignificação no que diz respeito aos aspectos da tradição e adequação às visões mais modernas de Educação Física/Esporte, sem desconsiderar as reflexões e os princípios, e melhorar a qualidade do serviço prestado nesse segmento.

Tirinha

